

UMA REFLEXÃO SOBRE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Risocleide Aparecida Maria da Silva¹
Raquel da Silva Freitas²

RESUMO

O presente trabalho é fruto das experiências vivenciadas no componente curricular Estágio Supervisionado I oferecido pelo curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco- Centro Acadêmico do Agreste, no qual visa o contato dos educandos do curso com a Educação Infantil. Neste estudo, buscamos refletir sobre uma experiência vivenciada no estágio supervisionado- Educação Infantil. Este estágio foi realizado em uma escola localizada no interior de Pernambuco, numa turma do Pré I (3 e 4 anos) e o nosso projeto de intervenção se chamou “Compartilhando leituras e construindo significados”. Dentre muitos aprendizados vivenciados nesse estágio, percebemos o quanto a escola ocupa um papel importante na constituição de cada sujeito, pois nela as crianças vivenciam novas e importantes experiências, que representam elementos expressivos para a formação das suas subjetividades.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Educação Infantil, Leitura.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto das experiências vivenciadas no componente curricular Estágio Supervisionado I, que visa o contanto dos educandos do curso de Pedagogia com a Educação Infantil. A disciplina traz em sua ementa o objetivo de reconhecer a relação entre a docência, o planejamento pedagógico e as problemáticas educativas em tal etapa da escolarização. Esse processo se dá por meio do estágio, que assim como para Pimenta e Lima (2005/2006) é entendido aqui como campo de conhecimento, onde a teoria e a prática estão articuladas.

Seguindo a mesma perspectiva, Lima (2008) acrescenta “acreditamos no estágio como locus de formação do professor reflexivo-pesquisador, de aprendizagens significativas da profissão, de cultura do magistério, de aproximação investigativa da realidade e do seu contexto social (p. 204)”. Assim, podemos dizer que o estágio enquanto

¹Mestranda em Educação Contemporânea- Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste (UFPE/CAA). E-mail: risocleideasilva@gmail.com.

²Mestranda em Educação- Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: raqueldasilvafreitas.ufpe@gmail.com.

campo de conhecimento aproxima os estudantes dos cursos de licenciatura com a cultura escolar, proporcionando reflexões e aprendizagens sobre a realidade.

Assim, buscou-se nesse artigo refletir sobre uma experiência vivenciada no estágio supervisionado- Educação Infantil, a partir do projeto de intervenção “Compartilhando leituras e construindo significados”. Para isso, nosso trabalho está organizado nas seguintes sessões: a) breve contexto sobre a infância e a educação infantil, onde é tratado sobre o conceito de infância, criança e educação infantil no decorrer da história; b) a importância da leitura na educação infantil; c) caminhos metodológicos do projeto de intervenção d) análise e discussão da intervenção realizada em sala de aula, onde descrevemos e analisamos a vivência do projeto. E, por fim, tecemos as nossas considerações finais.

BREVE CONTEXTO SOBRE A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Para compreender a educação infantil faz-se necessário traçar um caminho sobre a infância e como o conceito da mesma foi se constituindo ao longo da história. É sabido que, existe uma diferença entre criança e infância, segundo Sarmento e Pinto (1997) “[...] crianças existiram sempre, desde o primeiro ser humano, e a infância como construção social [...] existe desde os séculos XVII e XIII (p.11)”. Em síntese, a infância nem sempre existiu em nossa sociedade, mas foi se constituindo enquanto um conceito no qual entendemos hoje a partir do século XVII, assim, está correlacionada com outros fatores sociais.

Em tal século, alguns pensadores contribuíram para a difusão das primeiras ideias sobre a infância, como é o caso de Comênio. Segundo Oliveira (2002) em 1628 ele publicou um livro chamado “A escola da infância”, onde afirmava que o ensino das crianças pequenas deveria ocorrer dentro dos lares, mais precisamente no “colo da mãe”. “Em 1637 elaborou um plano de escola maternal em que recomendava o uso de materiais audiovisuais, como livros de imagens, para educar crianças pequenas (OLIVEIRA, 2002, p. 64)”. Percebe-se que esse pensador já possuía uma preocupação com a educação, mesmo que ainda não no sentido escolar, mas no uso de materiais didáticos para facilitar a aprendizagem, assim, ele teria percebido algumas necessidades próprias da infância.

Já no final do século XVII, outro estudioso que se destacou foi Locke. Segundo Postman (1999) este pensador propôs uma educação que, embora tratasse a criança como um recurso valioso, desse atenção rigorosa ao desenvolvimento intelectual e à capacidade de autocontrole dela. Além disso, ele introduziu a “[...] sua ideia bastante conhecida de que ao nascer, a mente é uma folha em branco, uma tabula rasa (POSTMAN, 1999, p. 71)”. Assim, Locke compara a criança com um livro em branco, que seu futuro sucesso ou insucesso depende exclusivamente da sua boa escrita, nesse caso, de uma boa educação. Esse conceito persistiu e persiste no imaginário social, que muitas vezes silencia a capacidade epistemológica das crianças e pensa em uma educação para futuros adultos esquecendo a fase da infância.

No século XVIII, as ideias de Rousseau se destacaram, o mesmo “[...] revolucionou a educação de seu tempo ao afirmar que a infância não era apenas uma via de acesso, um período de preparação para a vida adulta, mas tinha valor em si mesma (OLIVEIRA, 2002, p. 65)”. Para ele a natureza das crianças era boa e a sociedade que a corrompia, então buscou formular um plano de educação, considerada por muitos autores romantizado. Rousseau representou um salto qualitativo sobre a ideia de infância e segundo Postman (1999) influenciou outros autores como Friedrich Froebel, Johann Pestalozzi, Maria Montessori e Jean Piaget.

Apesar das ideias sobre a infância está em curso, no século XVIII até meados do século XIX não foram devidamente difundidas, principalmente por causa da industrialização, crescente na Inglaterra. Assim, o cenário não era de valorização das crianças, “pois, durante o século dezoito e parte do século dezenove, a sociedade inglesa foi especialmente feroz na maneira de tratar os filhos dos pobres, que foram usados como combustível no parque industrial inglês (POSTMAN, 1999, p. 67)”. Mas, a autora ainda comenta que as ideias não foram perdidas, porque uma pequena parcela da população se utilizavam delas, as classes médias e altas. Logo após, as concepções de infância também atingiram as classes baixas.

Seguindo a perspectiva de Postman (1999) “a verdade é que a invenção da infância foi uma ideia que transpôs todas as fronteiras nacionais, sendo às vezes detida e desencorajada, mas sempre prosseguindo na sua jornada (p. 69)”. As ideias sobre a infantilidade se espalharam pelo mundo, onde foram se constituindo vários espaços de atendimento a crianças. No Brasil, segundo Oliveira (2002) a ideia de educar crianças pequenas em creches ou instituições afins até meados do século XIX não existia. Situação

que se modifica no período da abolição da escravatura, com o abandono crescente dos filhos de ex-escravos, pois se fez necessária a “criação de creches, asilos e internatos, vistos na época como instituições assemelhadas e destinadas a cuidar das crianças (OLIVEIRA, 2002, p. 92)”.

Como esse atendimento era destinado aos filhos dos pobres, a educação das crianças pequenas passa a ter um caráter assistencialista no país. Com o passar do tempo, as ideias advindas do exterior foram acolhidas pelas classes dominantes. “Surgiram novos jardins-de-infância e cursos para formar seus professores, mas nenhum deles voltados ao atendimento prioritário das crianças das camadas populares (OLIVEIRA, 2002, p. 99)”. Desde então, muitas lutas das classes trabalhadoras foram se constituindo e foi havendo algumas mudanças no atendimento as crianças de classes econômicas mais baixas.

Kramer (2011) aponta que “a ideia de infância, como se pode concluir, não existiu sempre, e nem da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade (p. 19)”. Assim, percebemos que nem sempre a concepção de infância existiu e que sofreu grandes transformações até chegar ao que conhecemos hoje. Destacamos também que a classe dominante sempre se beneficiou primeiro dessas concepções, que atingiram os filhos dos trabalhadores tempos depois.

Nesse sentido, ressaltamos a necessidade do debate de propostas que penetram as paredes das instituições com novos conceitos e olhares, para que a escola e a sociedade realmente comecem a pensar a criança enquanto sujeito ativo e construtor de conhecimento. Dessa maneira, entendemos que o processo formativo dos profissionais de educação é essencial para ampliar a compreensão de infância e criança, formar professores e professoras que entendam que esses seres pequeninos são atores sociais e produtores de cultura, não apenas produto da cultura. Ressaltamos ainda, a necessidade de valorizar esses saberes no processo de ensino e aprendizagem da leitura, sabendo que as crianças trazem com elas seus próprios significados e formas de significar.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo Cardoso e Sepúlveda (2014), “as crianças pré- escolares que assistem atos de leitura de contos são capazes de reproduzi-los ou recontá-los, isto é, são capazes

de produzir textos com as características próprias da linguagem escrita (p.83)”. Assim, desenvolvemos o projeto “compartilhando leituras e construindo significados” que torna-se relevante, à medida que aproxima os estudantes das obras da literatura infantil e os ajuda a construírem significados por meio de elementos lúdicos.

Ler para crianças pequenas é ajudá-las a construir significado sobre o mundo, mas para que essa ação desperte o interesse delas, é preciso que faça sentido. Uma das maneiras de envolvê-las de forma contextualizada é a partir de projetos didáticos. Segundo Brandão, Selva e Coutinho (2006), “[...] os projetos didáticos possibilitam uma aprendizagem mais contextualizada e significativa, à medida que, desde o início, há um problema a ser resolvido. (p.113)”. É o produto final, portanto, que orienta todo processo e dá sentido as atividades realizadas em sala durante o desenvolvimento do projeto. Desta maneira, é interessante que as crianças saibam que existe um produto final.

Segundo Cardoso e Sepúlveda (2014), “[...] dispomos atualmente de inúmeras evidências empíricas sobre os efeitos positivos da leitura literária, desde a mais tenra idade, no desenvolvimento infantil” (p.82). Podemos então dizer que o contato com a literatura infantil, proporciona ganhos para as crianças, contribuindo com o seu processo de aprendizagem. Antes mesmo de uma criança ser alfabetizada, ela já pode ser letrada. O letramento é “o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e escrita” (SOARES apud CRUZ 2013, p. 12). Portanto, é possível que mesmo a criança ainda não alfabetizada, se envolva nos processos de leitura e escrita através da mediação dos adultos, por meio da oralidade.

Conforme Chaer e Guimarães (2012), “a linguagem oral é um dos aspectos fundamentais de nossa vida, pois é por meio dela que nos socializamos, construímos conhecimentos, organizamos nossos pensamentos e experiências, ingressamos no mundo” (p. 72). Assim, é por meio da oralidade que podemos nos inserir nas mais diversas práticas sociais, entre elas destacamos aqui aquelas que envolvem a leitura e a escrita. “Por meio do incentivo e do acesso ao livros pelo manuseio, pela leitura ou contação de histórias, a criança cria o hábito e o apreço pela leitura e também desperta o interesse pela escrita” (p. 78). Durante o processo de leitura ou contação de histórias, principalmente quando direcionadas para crianças da Educação Infantil, elementos lúdicos podem ser utilizados.

É por meio da ludicidade que a criança abre as portas da sua criatividade, pois “na infância, a imaginação, a fantasia, o brinquedo não são atividades que podem se

caracterizar apenas pelo prazer que proporcionam” (NAJAR; ALVES 2004, p. 114). Ainda segundo as autoras, no mundo lúdico, a criança encontra equilíbrio entre o real e o imaginário, alimenta sua vida interior, descobre o mundo e torna-se operativa (p.119). Assim, trazer para sala de aula elementos lúdicos que chamem a atenção, em especial nos momentos de leituras ou contação de histórias, torna o momento mais propício para a construção de significados por parte das crianças.

Pretende-se assim, que as mesmas se envolvam nas histórias lidas, tanto a partir de elementos do próprio livro, quanto de elementos lúdicos. Para tal feito, no desenvolvimento do nosso projeto, além de utilizarmos da ludicidade, com fantoches para ilustrar as leituras, buscaremos utilizar das rodas de conversa. Segundo Chaer e Guimarães (2012), “os fantoches oferecem múltiplas oportunidades para atividades dramáticas, de acordo com o nível da classe. Nas primeiras séries, qualquer tipo de fantoche pode ser usado[...]” (p. 79). Podemos perceber que qualquer material que possa representar o personagem de uma história, é considerado um fantoche e pode ser utilizado como um, principalmente quando direcionado para crianças menores, à medida que essas apresentam entusiasmo com os mais diversos materiais.

A roda de conversa “[...] permite que as crianças aprendam a olhar e a ouvir os colegas, trocando experiências e aprendendo as atitudes corretas de ouvinte e de falante” (CHAER; GUIMARÃES 2012, p. 77). Mas, para além de ser explorados elementos da oralidade, a conversa sobre a leitura que foi ouvida é algo que pode ser trabalhado.

Segundo Brandão e Rosa (2010):

Um primeiro ponto que justifica a importância da conversa é a possibilidade que ela dá de engajar o leitor ou o ouvinte na busca e produção de significados sobre o que lê ou escuta. Em outras palavras, é preciso que a criança compreenda a leitura como uma atividade de construção de sentidos em que é preciso interagir ativamente com o texto (p. 70).

Assim, conversar sobre o livro contribui para o entendimento da história, além de ser um momento em que a linguagem oral pode ser explorada. Tudo isso ajuda na construção do sentido e pode propiciar maior interesse das crianças nas produções literárias.

CAMINHOS METODOLÓGICOS DO PROJETO “COMPARTILHANDO LEITURAS E CONSTRUINDO SIGNIFICADOS”

A escola onde foi realizado o estágio se situa em uma cidade do interior de Pernambuco³, que atende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Segundo o Projeto Político Pedagógico da instituição (2017), seus objetivos consistem em: assegurar um ensino de qualidade, num ambiente de alegria e realização pessoal; contribuir para o crescimento pessoal e profissional de todos que a integram; preparar os estudantes de forma interdisciplinar e participativa para os desafios do mundo moderno. O público-alvo que a escola visa atingir são crianças, jovens e adultos que compõem a cidade e seus distritos.

A escola apresenta um Plano de Ação para Educação Infantil, trazendo em seu Projeto Político Pedagógico (2017), os seguintes aspectos: Aprendizagens voltadas à formação pessoal e social (que envolve: Cuidar de si, aprender a relacionar-se e cuidar do meio ambiente); Aprendizagens voltadas ao brincar e imaginar; Aprendizagens voltadas à linguagem verbal (que envolve a oralidade, a leitura e a escrita); Aprendizagens voltadas às linguagens corporal; Aprendizagens voltadas às linguagens artísticas (que envolve a música, a dança e a linguagem teatral e visual); Aprendizagem voltadas à linguagem matemática (que envolve os números e o sistema de numeração, grandezas e medidas, forma e espaço); Aprendizagens voltadas à linguagem da cultura e da natureza.

A turma que foi realizado esse estágio foi o pré 1 da Educação Infantil, na qual contava com duas professoras (uma regente e uma auxiliar) e 18 crianças, com a faixa etária entre 3 e 4 anos. Nesse estágio, desenvolvemos um projeto, chamado “compartilhando leituras e construindo significados”. O objetivo geral desse projeto foi: desenvolver o interesse pela leitura a partir do contato com obras da literatura infantil. E os objetivos específicos foram: ler histórias da literatura infantil, as representando através de fantoches; e registrar e apresentar em fantoches uma história criada pela turma.

O nosso público-alvo do nosso projeto foi a sala que estávamos realizando o estágio, “Educação Infantil (pré I)”. Desenvolvemos em duas aulas, com 4 horas cada

³ Não citamos o nome da instituição a fim de preservar a identidade dos sujeitos envolvidos. Também não citamos o nome do município, por questões éticas, pois se trata de uma cidade muito pequena, que em seu centro urbano só possui uma única escola pública.

uma e o produto final foi a produção coletiva de uma história criada pela turma, que foi apresentado através de um teatro de fantoches.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DA INTERVENÇÃO REALIZADA EM SALA DE AULA

O projeto didático “compartilhando leituras e construindo significados” emergiu da preocupação de oportunizar o desenvolvimento do interesse pela leitura a partir do contato com obras da literatura infantil. Neste sentido, esta sessão apresenta a análise de alguns momentos vividos na intervenção do projeto.

Durante o primeiro momento de leitura com as crianças, a história escolhida foi “João e Maria”. Explicamos que durante a leitura a história do livro iria ser representada em uma caixa de papelão por meio de fantoches feitos com papel e canudo. No decorrer da leitura foram realizadas algumas perguntas, como, por exemplo: E agora o que vocês acham que vai acontecer? Elas então respondiam: “O bicho vai pegar eles!” “Eles vão correr!”(Extrato do diário de campo, 2018).

Após a leitura da história, formamos uma roda de conversa. Segundo as autoras Vargas, Pereira e Motta:

Reunir-se numa roda de conversa, pode proporcionar a interação entre os pares e inúmeros saberes, partilhados e ressignificados a partir das discussões. Na Educação Infantil, não é diferente, as rodas de conversa oportunizam também o aprender a conversar, a falar, o saber ouvir, a reflexividade e, sobretudo, impulsiona a criticidade, argumentação e o diálogo (2016, p. 130).

Neste sentido, este momento de conversação sobre a história, além de ajudar as crianças na construção de significados, é uma oportunidade delas aprenderem outros elementos, como a espera da sua vez de falar, construir uma boa argumentação entre tantos outros citados pelas autoras. A partir dessa leitura, realizamos várias atividades e brincadeiras a ela relacionadas.

Uma dessas atividades decorrentes da história e de outras vivenciadas ao longo de todo o estágio, foi a proposta de uma produção de um texto coletivo. A história criada pelas crianças iria ser representada na caixa de papelão no segundo dia de intervenção. Enquanto escribas das crianças, perguntávamos como poderíamos começar a história? E logo responderam: “Era uma vez”, depois perguntamos o que queriam contar e

começaram a falar de um anjinho que se chamava João, que morava lá no céu e caiu na Terra.

O mais impressionante é que eles criaram um problema e ao longo da história foram encontrando uma solução, o anjo que tinha quebrado a asa foi cuidado e voltou para o céu onde viveu feliz para sempre. Alguns elementos foram percebidos na historinha criada pelos pequenos, eles deram o nome de João para o anjo, que era a personagem central. Como havíamos lido o livro de João e Maria no mesmo dia, pode ser que eles tenham feito uso disso. Eles contaram que o anjinho encontrou dois homens maus que queriam pegar ele, demonstrando com os dedos a quantidade. Essa maldade exaltada também estava presente no livro lido do dia, na madrasta má.

Segundo Cardoso e Sepúlveda (2014) “(...) a situação repetida de leituras e recontos orais oferece às crianças oportunidades para se apropriarem das formas de expressão próprias dos textos escritos (p. 83)”. Foi justamente o que aconteceu com a turma, se apropriaram desse contato para criar sua história. Mas, o elemento mais presente nessa, foi sem dúvida o religioso e a explicação para isso, é o contato diário que as crianças tinham como a oração, em sua rotina.

Em relação a tal aspecto, Valente (2015) destaca que “á partir da Constituição Republicana brasileira de 1891, a escola de tradição jesuítica e religiosa se tornou uma instituição pública com princípios laicos, ao menos nos documentos oficiais (...) (p. 3)”. No entanto, percebemos que apesar de a história da educação do Brasil ter demarcado a separação entre a Igreja católica e o Estado desde o final do século XIX, ainda nos dias de hoje há uma presença marcante dessa religião nas instituições públicas de ensino.

No segundo dia intervenção do projeto, pedimos que as crianças tentassem desenhar as personagens da história (o anjinho João e seus amigos). Depois, elas recortaram e colaram em canudos, criando assim seus próprios fantoches. Quando terminaram, pedimos emprestado alguns produzidos e os pequenos foram direcionados para o cantinho da leitura, onde a história que eles criaram foi lida e representada. Ainda não satisfeitos posteriormente eles mesmos contavam a história e representava na caixa.

Neste sentido, Rodrigues (2015) aponta que “a função do educador é despertar nas crianças o desejo pela leitura desde a infância (p. 243)”. Assim, apesar da boa experiência que tivemos com o desenvolvimento do projeto, é preciso incentivar cada vez mais o desejo das crianças pelo ato de ler, pois cada história carrega em si um mundo de aprendizados diversos.

Conclusão

A reflexão sobre o estágio na Educação Infantil, nos levou para o debate sobre os conceitos de infância e criança, nos mostrando como esses dois termos foram se constituindo ao longo do tempo. E, dentre outros elementos, percebemos que as crianças das classes dominantes sempre se beneficiaram primeiro dos avanços sobre os estudos na área.

Pudemos ver também o quanto a leitura é importante nessa fase de desenvolvimento da criança e o nosso projeto de intervenção “Compartilhando leituras e construindo significados” foi desenvolvido nesse sentido. Além das histórias, percebemos que o lúdico pode e deve ser utilizado nas salas de aula de Educação Infantil nos mais variados momentos, inclusive nos de leitura.

A experiência desse estágio proporcionou inúmeros ganhos para a nossa formação enquanto pedagogas. Percebemos nos momentos de interação que as crianças têm muito a nos dizer e prestar atenção nisso pode fazer toda diferença no processo de ensino/aprendizagem. Essa experiência nos fez refletir o quanto a escola ocupa um papel importante na constituição de cada sujeito, nela as crianças vivenciam novas e importantes experiências, que representam elementos expressivos para a formação das suas subjetividades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Izabelle Cristina de; MADRID, Silvia Christina de Oliveira. O corpo em movimento na Educação Infantil: análise da prática pedagógica na rede municipal de ensino de Ponta Grossa. XIII **Congresso Nacional de Educação**. 2017.

CHAER, Mirella Ribeiro; GUMARÃES, Edite da Glória Amorim. A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. **Centro Universitário de Patos de Minas: Pergaminho**. 2012.

CUNHA, Susana Rangel Vieira. Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil. CUNHA, Susana Rangel Vieira (org.). Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. **Editora: Mediação**. 1999.

KRAMER, Sônia. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. 9o ed, São Paulo: **Cortez**, 2011.

LIMA, Maria Socorro Lucena; Reflexões sobre o estágio/prática de ensino da formação de professores. **Revista Diálogo Educ**, Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan/abril, 2008.

NAJAR, Cristina Lorini; ALVES, Ondina de Oliveira. Atividades lúdicas como mediadoras do letramento no espaço da educação infantil. *Disciplinarum Scientia*. Seíre: **Ciências Humanas**, v. 5, n. 1, 2004.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: **Cortez**, 2002.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria Socorro L. Estágio e Docência. São Paulo. **Cortez** Editora, 2004.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. As criança: contextos e identidades. Braga: **Universidade do Minho**, 1997.

POSTMAN, Neil. Desaparecimento da infância. Rio de Janeiro: **Graphia**, 1999.

RODRIGUES, Suzana Machado. A prática de leitura na Educação Infantil como incentivo na formação de futuros leitores. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 6, n.2 2015.

VALENTE, Gabriela Abuhab. A religiosidade na prática docente. 37a **Reunião Nacional da ANPED**. UFSC- Florianópolis. 2015.

VARGAS, Vanessa Alves; PEREIRA, Vilmar Alves; MOTTA, Maria Renata Alonso. Reflexões sobre as rodas de conversas na Educação Infantil. Florianópolis: **Revista eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Educação da Pequena Infância**. 2016.